

A língua é como é por causa das funções em que se desenvolveu na espécie humana.¹

(Halliday, 2004:31)

A Linguística Sistêmico-Funcional (doravante SLF) é uma linha teórica desenvolvida a partir dos estudos do linguista Michael Alexander Kirkwood Halliday nas décadas de 50 e 60, que concebe a linguagem como um sistema sociossemiótico, em que os significados são criados em diferentes contextos socioculturais. A LSF, assim, tem por objetivo principal investigar como a linguagem é utilizada nas diversas interações do dia a dia, em função do contexto social e cultural em que ela é produzida. A linguagem é considerada, portanto, um recurso estratégico de criação de significados (Halliday, 1994, p. xxvii; Eggnis, 2004, p.2) nos textos² que compõem a vida social.

O cerne dessa abordagem funcional está baseado em dois conceitos fundamentais: *sistema* e *função*. A LSF é uma teoria **sistêmica** no sentido de que concebe a linguagem como um *potencial de significados*, isto é, um sistema de escolhas concernentes à potencialidade de expressão semântica através de distintas formas linguísticas necessárias a essa expressão, as quais correspondem a *escolhas de ordem paradigmática* (Halliday, 2004, p. 22); ao mesmo tempo, ela é uma teoria **funcional** por conceber que diferentes significados são criados em relação a funções básicas da linguagem em diversos contextos sociais. A gramática sistêmico-funcional é, portanto, concebida como ‘o mecanismo linguístico que liga uma às outras as seleções significativas que derivam das várias funções da linguagem, e as realizam numa forma estrutural’ (Halliday, 1973 *apud* Neves, 2004, p.60). Nesse sentido, a teoria sistêmico-funcional assume

² Tradução de Gouveia (2009, p. 19) do original: “Language is as it is because of the functions in which it has evolved in the human species.”

² O termo *texto* na LSF refere-se a uma interação linguística (falada ou escrita) autêntica, isto é, uma interação que ocorre naturalmente nos contextos sociais, e completa, por ter que apresentar, preferencialmente, início e fim (Eggnis, 2004, p. 2, 3 e 4.).

uma abordagem descritiva quanto à linguagem humana, segundo a qual é necessário que:

(...) se olhe tanto para o sistema da língua como para as suas funções em simultâneo, a partir do princípio fundamental de que a forma particular assumida pelo sistema gramatical de uma língua está intimamente relacionada com as necessidades sociais e pessoais que a língua é chamada a servir (Halliday, 1970 *apud* Gouveia, 2009, p.142).

Essas escolhas linguísticas das quais os falantes dispõem são realizadas em diferentes níveis organizacionais, ou *estratos*, que na LSF diferem consideravelmente dos níveis de organização tradicionalmente concebidos em outras teorias linguísticas. Ao invés de um estrato morfológico, lexical, sintático etc, a perspectiva sistêmico-funcional concebe apenas um estrato de *conteúdo* e um de *expressão*, os quais estão relacionados e são realizados um no outro, conforme mostra o diagrama a seguir:

Figura 1: Estratos organizacionais da linguagem

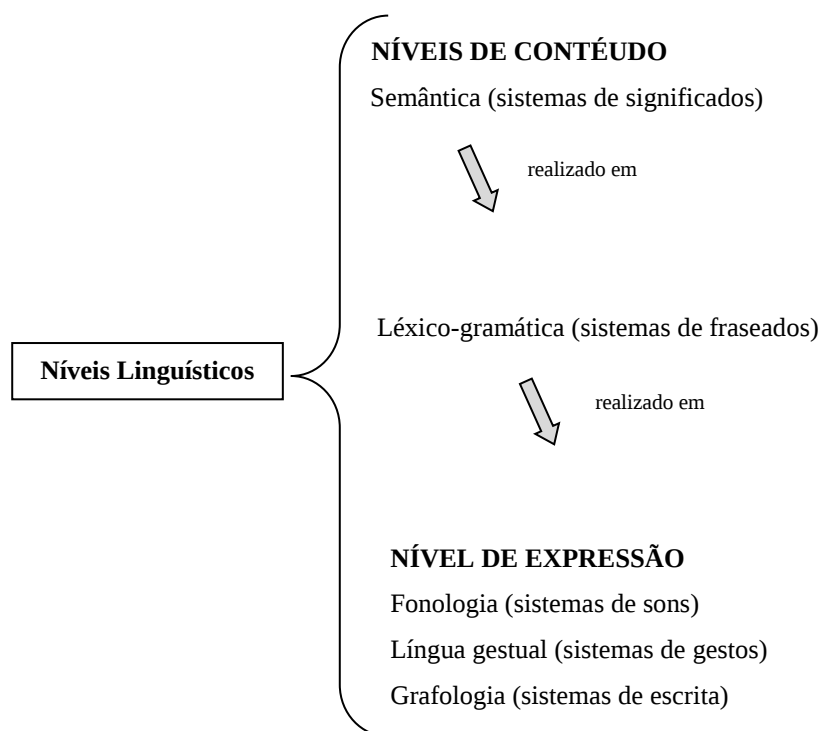


Diagrama adaptado de Gouveia, 2009, p.24.

O diagrama anterior permite a visualização dos elos que cada estrato estabelece em relação ao outro em um dado evento comunicacional, em que o significado é *realizado* através de um sistema de fraseados³, que compreende não só a combinação entre itens lexicais e gramaticais na estrutura frasal (Halliday & Matthiessen, 2004, p.7) como também todos os aspectos relacionados à forma como os significados são expressos (Thompson, 1996, p. 27) e que, por sua vez, é instanciado⁴ pelo som, pela escrita ou pelo gesto. Além disso, com base nesse esquema organizacional é possível depreender que a LSF é *um modelo de base semântica*, já que ela apresenta uma ordenação paradigmática e parte do significado para a expressão do conteúdo linguístico (cf. capítulo 2, p. 20 e 21).

Embora a semântica esteja naturalmente relacionada à gramática da língua, na perspectiva sistêmico-funcional ela é concebida em função de todo o sistema de significados linguísticos (Neves, 2004, p.73), de forma que a língua é estruturada para construir, simultaneamente, três tipos de significados: o *ideacional*, que diz respeito à visão de mundo e à construção de experiências; o *interpessoal*, que é caracterizado pela interação existente entre os participantes e pela construção das relações interpessoais; e o *textual*, que está relacionado à organização lógica da linguagem.

2.1

As Metafunções da Linguagem

Os significados ideacionais, interpessoais e textuais são realizados em uma estrutura gramatical integrada – a oração⁵ –, e caracterizam, assim, três outras funções fundamentais – a ideacional, a interpessoal e a textual –, que, de acordo com a perspectiva sistêmico-funcional, coexistem e estão correlacionadas em

³ *Fraseado* é a tradução dada à palavra *wording*, que corresponde à realização fonológica ou gráfica da léxico-gramática. Além disso, *wording* é dos termos da LSF que foram traduzidos e aprovados para a utilização pelos grupos de estudos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e pelo projeto DIRECT desenvolvido pelo LAEL/PUC-SP. A lista com outros termos da LSF traduzidos para o português encontra-se disponível em: <<http://ww3.fl.ul.pt/pessoais/cgouveia/docs%5CTermosGSF.pdf>> Acesso em: 13 de set. 2012.

⁴ A instanciação na perspectiva sistêmico funcional diz respeito ao resultado das escolhas concernentes ao ‘potencial de significação’ [que é o sistema linguístico] sobre o qual os falantes operam escolhas em função daquilo que querem comunicar nas situações particulares em que se encontram.’(Gouveia, 2009, p.19).

⁵ A *oração* é definida como a ‘principal unidade de processamento da léxico-gramática, porque é nela que os significados são mapeados numa estrutura gramatical integrada’(Halliday, 2004, *apud* Gouveia, 2009, p.20).

todas as escolhas linguísticas de cada falante. Desse modo, tais funções são consideradas como primordiais e básicas à essência da linguagem, de forma que a existência e a funcionalidade da mesma são intrínsecas a tais funções, as quais são denominadas **metafunções da linguagem**.

✓ **Metafunção Ideacional**

A linguagem permite a expressão de nossa percepção, sentimentos e experiências. Nossa impressão mais poderosa da experiência é de que ela consiste em ‘eventos’ relacionados ao fazer, sentir, ser ou estar, dizer ou comunicar, acontecer etc. Sendo assim, a linguagem tem como uma de suas funções codificar os significados das nossas vivências através da metafunção ideacional. Tal codificação é realizada léxico-gramaticalmente pelo sistema da *Transitividade*, um recurso linguístico que possibilita modelar a experiência através da escolha dos processos verbais (ações), dos participantes (pessoas ou coisas) e das circunstâncias envolvidas nessa configuração.

✓ **A Metafunção Interpessoal**

Usamos a linguagem para construir significados interpessoais, significados sobre as nossas relações com outras pessoas e nossas atitudes em relação a elas. Além disso, sabemos instintivamente qual é o tipo de papel social que estamos desempenhando em uma situação de fala, por exemplo, se falantes ou ouvintes. Ao falar, o indivíduo sempre está, fundamentalmente, dando ou recebendo informação, o que caracteriza a interação como uma troca, que é uma das funções da linguagem. A codificação desses significados de atitude, interações e relações sociais, que é possibilitada pela metafunção interpessoal da linguagem, é realizada léxico-gramaticalmente pelo sistema de *Modo*, que é constituído pelo Sujeito, que especifica a entidade sobre a qual a oração faz referência, e o Finito, que ‘expressa o processo, a ação, o estado, o acontecimento em que está envolvido o sujeito’ (Gouveia, 2009, p.37).

✓ A Metafunção Textual

Para que o usuário de uma língua possa expressar os conteúdos, é necessário que ele conheça os elementos que permitem dar sequência lógica ao seu pensamento; esse usuário dependerá, para tanto, de elementos coesivos que indiquem relações entre orações, contexto e seu propósito. Tal organização textual é realizada léxico-gramaticalmente através das funções de *Tema e Rema*, que correspondem, respectivamente, ao elemento que funciona como ponto de partida da oração, aquele que determina sobre qual assunto o texto vai tratar, e à parte da oração na qual o Tema será desenvolvido.

Ainda em relação à metafunção textual é importante ressaltar que ela pode ser considerada não apenas em relação ao nível frasal, mas também ao nível do texto⁶, já que a organização do conteúdo faz-se muito importante também para a estruturação textual. De acordo com Neves (2004, p. 71) na LSF, enquanto a organização da semântica frasal é realizada pelo sistema da transitividade, caracterizada fundamentalmente pela seleção de processos e de seus participantes, a organização semântica do texto diz respeito às relações coesivas que tecem o encadeamento textual. Dessa forma, a autora sintetiza os subsistemas de organização do texto da seguinte forma:

Figura 2: Subsistemas de organização do texto

METAFUNÇÃO	ORGANIZAÇÃO	SISTEMA
Ideacional	dos significados	coesão
Interpessoal	da interação	relações humanas
Textual	da mensagem	estruturação da informação

Adaptado de Neves, 2004, p.72.

⁶ A noção de *texto* na LSF compreende uma unidade semântica, falada ou escrita, realizada em um dado contexto (cf. nota de rodapé 2 deste capítulo, p.20).

2.2

Contexto situacional e contexto cultural

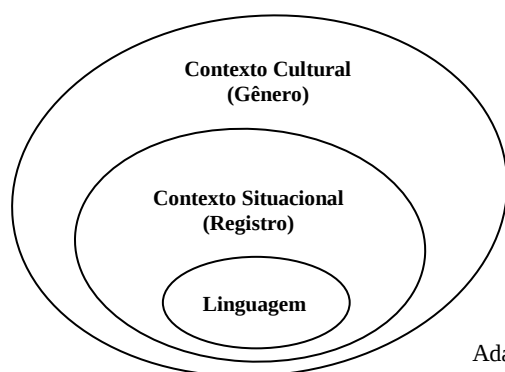
Os estratos de conteúdo e de expressão (cf. Figura 1, p. 21) são realizados em função de fatores extralinguísticos, que vão exercer influência quanto à variação funcional dos textos linguísticos. Tais fatores são caracterizados pela noção de *contexto*, que se subdivide em *contexto situacional* e *contexto cultural*. Na LSF, a língua sempre está inserida em um contexto cultural e em um situacional, de forma que a seleção de padrões linguísticos feita por uma falante ou por um escritor tem o potencial de realizar um número infinito de textos.

A noção de contexto situacional tem sua origem nos trabalhos do antropólogo Bronislaw Malinowski e diz respeito ao contexto imediato, em que um texto é realizado. Já o contexto cultural contempla o *background* cultural relacionado aos participantes e às práticas nas quais eles estão engajados. Ambos os conceitos, assim, relacionam-se às noções de **registro** e **gênero**, os quais correspondem a dois planos de realização do texto:

Os termos registro (contexto de situação) e gênero (contexto de cultura) identificam as duas camadas do contexto que têm um impacto no texto, e são, portanto, as duas principais dimensões de variação entre textos. Na abordagem aqui proposta, as variações de registros e de gêneros são dois planos realizacionais numa visão semiótica do texto. Tal visão é inerentemente dialógica e interativa: o texto é tanto a realização de tipos de contextos quanto a demonstração do que é relevante para os membros culturais em determinadas situações. (Eggins & Martin, 1997, p.251, *apud* Gouveia, 2009, p.26)

Dessa forma, depreende-se uma interdependência relacional entre a linguagem e a esfera social, que pode ser representada da seguinte forma:

Figura 3: A linguagem e o contexto social



Adaptado de Martin, 1993, p.158.

Os *gêneros* representam os processos sociais que são realizados com um objetivo comunicativo em uma dada cultura (Eggins & Martin, 1997 *apud* Gouveia, 2009, p.28). O gênero, assim, é uma atividade orientada para uma finalidade culturalmente estabelecida, que se desenvolve de modo diferente em diferentes estágios⁷. Já o *registro* está intimamente relacionado ao contexto de situação e é caracterizado como uma variação de acordo com o uso, que é caracterizada por 3 dimensões: *Campo*, que diz respeito ao tipo de atividade e ao assunto tratado pelo texto; *Relações*, que envolvem dimensões de status dos participantes; e *Modo*, que se refere à organização do textual. Há uma correspondência entre essas três dimensões e as três metafunções da linguagem, representada da seguinte forma:

Figura 4: Relação entre as variáveis do contexto e as metafunções da linguagem

VARIÁVEL		METAFUNÇÃO	
CAMPO	Revela a natureza da ação social.	Constrói, organiza e expressa experiências de mundo, isto é, a realidade.	IDEACIONAL
RELAÇÕES	Define os participantes da interação.	Indica os papéis sociais e as relações estabelecidas entre os participantes da interação, construindo a realidade social.	INTERPESSOAL
MODO	Revela o papel que a linguagem está desempenhando na interação.	Organiza o próprio texto, explicitando o papel desempenhado pela linguagem, o contexto comunicativo, e constrói a realidade semiótica.	TEXTUAL

Adaptado de Nóbrega, 2007, p. 49.

⁷ Os estágios formam a estrutura esquemática do texto, que abrange elementos obrigatórios, opcionais, sequenciais ou recursivos, sendo o gênero definido pelos elementos obrigatórios dessa estrutura esquemática. (Hasan, 1989, p.56-62).

Dessa forma, a perspectiva sistêmico-funcional concebe ambos os contextos, o cultural e o situacional – ou o gênero e o registro – na estratificação da linguagem, configurando-os como estratos extralinguísticos, conforme mostra a figura abaixo:

Figura 5: Estratos organizacionais da linguagem

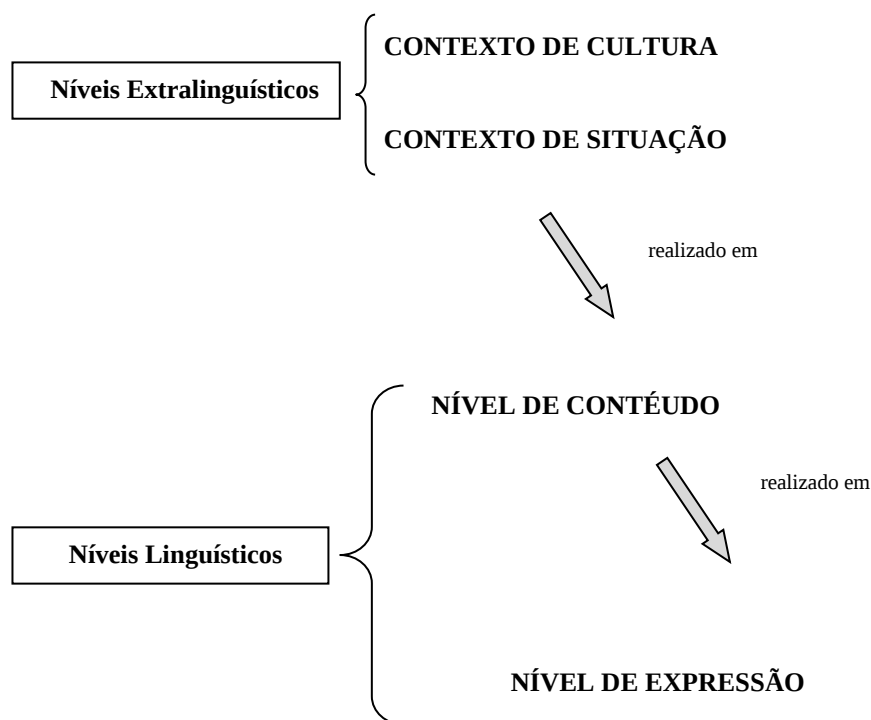


Diagrama adaptado de Gouveia, 2009, p.24.

Como pode ser depreendido a partir da figura 5, o estrato extralinguístico e o linguístico estão relacionados, já que a realização dos significados é consideravelmente influenciada pelos aspectos contextuais, constituindo, assim, uma relação de dependência, que é explicada por Gouveia (2009) da seguinte forma:

A relação entre a língua e os seus contextos de uso, ou dito de outra forma, a relação entre o texto e seu contexto, é de tal forma motivada que, a partir de um contexto, será possível prever os significados que serão activados e as características linguísticas potenciais mais previsíveis para as codificar em um texto. Da mesma forma, dado um texto, será possível deduzir o contexto em que o mesmo foi produzido, porquanto as características linguísticas seleccionadas num texto codificarão dimensões contextuais, tanto do contexto de produção imediata, situacional – quem diz o quê a quem, por exemplo –, como do contexto mais geral, cultural – que tarefa está o texto a desempenhar na cultura (Eggins et Martin, 1997, p.236-237 *apud* Gouveia, 2009, p. 26).

O contexto, por sua vez, também é caracterizado por elementos que implicam em variações semânticas quanto ao tipo de experiência a ser relatada, o papel dos participantes na interação e a modalidade do texto, que caracterizam as três principais metafunções da teoria sistêmico-funcional: a *ideacional*, a *interpessoal* e a *textual*, como já mencionado anteriormente (cf. seção 2.1, p. 22).

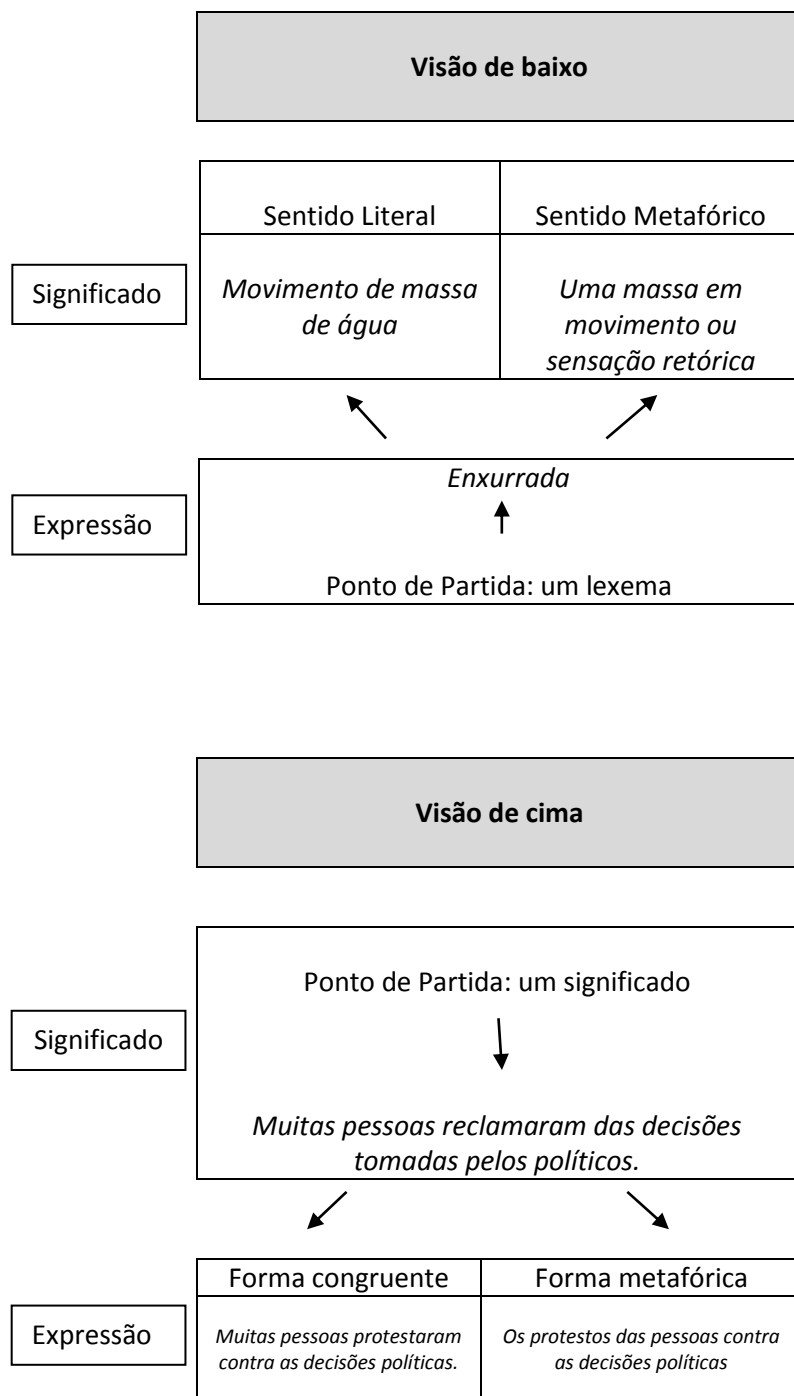
A realização gramatical de significados ideacionais ou interpessoais pode se dar de forma mais congruente, ou seja, através das escolhas mais esperadas, ou de forma mais metafórica, ou seja, menos óbvia, sendo as escolhas então consideradas como metáforas gramaticais. A metáfora gramatical, na perspectiva sistêmico-funcional, apresenta-se também em dois níveis: o ideacional e o interpessoal. No presente trabalho, entretanto, apenas a metáfora gramatical ideacional será destacada, já que a análise dos textos terá como foco especificamente o estudo das nominalizações, que constituem um dos mecanismos realizadores desse fenômeno linguístico.

2.3 Metáfora Gramatical

A metáfora gramatical, assim como é definida por Halliday (2009, p. 119), compartilha algumas características da visão tradicional da denominada *metáfora conceitual*; contudo, a noção sistêmica desse fenômeno, na verdade, amplia a concepção clássica da referida figura de linguagem. Enquanto o conceito tradicional é caracterizado pela variação de significado de uma palavra, ou seja, uma mesma forma, o fenômeno linguístico *metáfora gramatical* distingue-se pela *variação na expressão de um determinado significado*, isto é, diferentes maneiras encontradas no sistema linguístico para expressar um significado.

Essa diferença de perspectiva é denominada por Halliday como visão de baixo (*view from below*), em que uma palavra é tomada como ponto de partida, e visão de cima (*view from above*), em que um significado é o ponto de partida. Essas diferentes perspectivas são bem representadas por Taverniers (2003) na figura abaixo:

Figuras 6: Diferentes perspectivas de metáfora:



Figuras adaptadas de Taverniers (2003).

Na figura acima, a autora expõe duas perspectivas quanto à metáfora. A visão de baixo, que corresponde à perspectiva tradicional desse fenômeno e tem como ponto inicial o item lexical ‘*enxurrada*’, o qual pode apresentar dois significados, o literal e o metafórico: *um movimento de massa de água* e *uma*

massa em movimento ou *sensação retórica*, respectivamente. Já na visão de cima, que caracteriza a metáfora gramatical, o ponto de partida é o significado da oração ‘*Muitas pessoas reclamaram das decisões tomadas pelos políticos*’, que pode ser expresso de duas maneiras distintas, uma mais congruente: ‘*Muitas pessoas protestaram contra as decisões políticas*’; e outra mais metafórica: ‘*Os protestos das pessoas contra as decisões políticas*’.

Uma concepção importante em relação à metáfora gramatical diz respeito à noção de congruência. Halliday afirma que a dicotomia literal x metafórico não é apropriada; para ele, os significados podem ser expressos de forma mais ou menos metafórica, em um contínuo de congruência, em que os significados também podem ser expressos de forma mais ou menos congruente. Nesse sentido, as formas menos metafóricas – ou as que poderíamos chamar de ‘não metafóricas’ para fazer um paralelo com a noção de ‘significado literal’ da perspectiva tradicional – são denominadas *realizações congruentes*. Dessa forma, uma expressão metafórica e uma forma congruente seriam os extremos desse *continuum*, como explica Taverniers:

Diversos tipos de configurações podem ser comparadas como expressões de um mesmo significado. Isso significa que, enquanto na perspectiva tradicional há uma simples oposição entre literal e metafórico, há agora uma escala de congruência: algumas expressões são típicas realizações de um dado significado, e são definidas como congruentes; outras são mais ou menos incongruentes, quando comparadas a realizações congruentes (Taverniers, 2003, p. 7)⁸.

Por fim, essa mudança de perspectiva resulta em uma mudança de foco: enquanto a metáfora tradicional tem como base a variação lexical, a transformação gramatical é o alicerce do conceito de metáfora gramatical. Isso significa dizer que o uso de formas mais ou menos congruentes implica em diferentes configurações gramaticais, como o acréscimo de um sintagma preposicionado ou a escolha de uma forma nominal ao invés de um processo verbal. É necessário ressaltar ainda que essas diferentes escolhas no sistema da língua resultam na criação de diferentes significados – que é um dos principais

⁸ Tradução livre do original: ‘Various different types of configurations can be compared as expressions of the same meaning. This means that, whereas in the traditional perspective, there is a simple opposition between literal and metaphorical, there is now a *scale of congruency*: some expressions are typical realizations of the given meaning, and are defined as congruent; others are more or less incongruent, as compared to the congruent realization(s)’ (Taverniers, 2003, p.7).

pressupostos teóricos da teoria sistêmico-funcional –, conforme é esclarecido por Ravelli:

Não é exatamente correto dizer que duas realizações léxico-gramaticais alternativas (uma congruente e outra metafórica) têm ‘o mesmo significado’. Ao contrário, uma forma incongruente ‘tem um efeito que repercute na semântica’ (Ravelli, 1988: 137 cp. 199: 104), e isso especialmente porque uma expressão metafórica pode selecionar ou omitir diferentes aspectos do significado que é realizado por uma expressão congruente equivalente (Ravelli *apud* Taverniers, 2003, p.21)⁹.

2.3.1

A Metáfora Gramatical Ideacional

De acordo com a teoria sistêmica, um dos componentes contextuais que influencia diretamente as escolhas linguísticas de cada falante e que contribui para a variação no uso da linguagem quanto à criação de diferentes significados relaciona-se à maneira como o mundo e as experiências são experienciados e relatados por cada indivíduo¹⁰. Assim, a forma como cada pessoa constrói a realidade através da linguagem implica escolhas léxico-gramaticais, as quais, como a própria terminologia indica, residem tanto no nível lexical como no gramatical. Tais escolhas são o fundamento do fenômeno linguístico denominado *metáfora gramatical ideacional*, que foi tratado pelo linguista Michael Halliday em sua publicação *Introduction to Functional Grammar* (1985) e aprofundado na segunda versão da referida obra em 1994.

Como já mencionado anteriormente, a metáfora gramatical (Halliday, 2004) é um fenômeno linguístico que difere essencialmente do conceito tradicional da figura de linguagem ‘metáfora’ por: (1) implicar transformações tanto semânticas

⁹ Tradução livre do original: ‘It is not completely accurate to say that two alternative lexicogrammatical realizations (a congruent one and a metaphorical one) have ‘the same meaning’. Instead, an incongruent form “has a feedback effect into the semantics” (Ravelli, 1988: 137 cp. 199: 104), and this is especially so because a metaphorical expression may select or omit different aspects of the meaning configuration which is realized by an equivalent congruent expression’ (Ravelli *apud* Taverniers, 2003, p.21).

¹⁰ De acordo com a LSF, esse constituinte contextual corresponde à metafunção ideacional que, junto às metafunções interpessoal e textual, constitui a base organizacional da linguagem (cf. seção 2.1, p. 22)

como gramaticais, não estando centrada apenas em transformações lexicais; e (2) por ser caracterizada como uma variação na expressão de significados e não como uma variação lexical. Dessa forma, Halliday (2009) define a metáfora gramatical como:

A metáfora gramatical é um processo de reconstrução dos padrões de realização em uma língua – particularmente na interface entre a gramática e a semântica. Um significado que foi originalmente construído por um tipo de palavra é construído por outra. (p.117).

Nesse sentido, a metáfora gramatical é realizada quando há a transformação de uma forma congruente, ou seja, a forma mais esperada, para uma formação mais metafórica, que seria a menos esperada. Embora a metáfora gramatical possa ser realizada em dois níveis da linguagem, o interpessoal e o ideacional, a metáfora gramatical ideacional, que é o foco deste estudo, consiste, dentre outros aspectos, na transformação de ideias mais concretas em mais abstratas através do uso de nominalizações em lugar de processos verbais.

Assim, por implicar a construção de um discurso de nível mais abstrato, além de caracterizar o discurso na área científica, a metáfora gramatical tem sido associada ao discurso jurídico, ao burocrático e ao escolar (Halliday, 2004, p. 636). Martin corrobora esse entendimento acrescentando que:

Os discursos nas ciências humanas não enfatizam uma linguagem técnica, mas são, ao mesmo tempo, igualmente abstratos, isto é, são considerados como ondas de textos mais ou menos metafóricos. (Martin, 2003, p.149)¹¹

Contudo, Halliday chama atenção para o fato de esse mecanismo não ser aprendido em conversas espontâneas com as quais a criança está em contato diariamente; ao contrário, o autor explica que, embora no ensino fundamental o aluno já tenha contato com uma linguagem mais metaforizada, é somente no ensino médio que o aprendiz passa, de fato, a lidar com a metáfora gramatical ideacional, tanto na compreensão como na produção textual. Essa concepção está de acordo com as considerações feitas por Christie (2006) quanto à idade em que a capacidade de produzir formulações com o uso da metáfora gramatical se

¹¹ Tradução livre do original: 'Discourse in the Humanities do not foreground technicality but are at the same time equally abstract, that is, they are construed as waves of more or less metaphorical texts.' (Martin, 2003, p.149).

desenvolve nas crianças. Segundo a autora, os estágios de desenvolvimento quanto ao processo da escrita, os quais incluem a capacidade de uso da metáfora gramatical, ocorrem na adolescência, especificamente, durante a educação secundária. Daí a importância, a necessidade e uma das justificativas quanto ao ensino de tal mecanismo no contexto escolar.

Na metáfora gramatical, as formas nominais resultantes de transformações podem desempenhar funções discursivas distintas, isto é, funções que são usualmente realizadas por outras classes gramaticais, tais como participantes, processos, qualidades ou relações lógicas, dentre outras. Essa variabilidade funcional culmina em uma *tensão* entre a léxico-gramática e a semântica discursiva, que é apresentada a seguir na figura adaptada de Martin (1993), a qual ilustra possíveis transformações que originam metáforas gramaticais:

Figura 7: Transformações Metafóricas

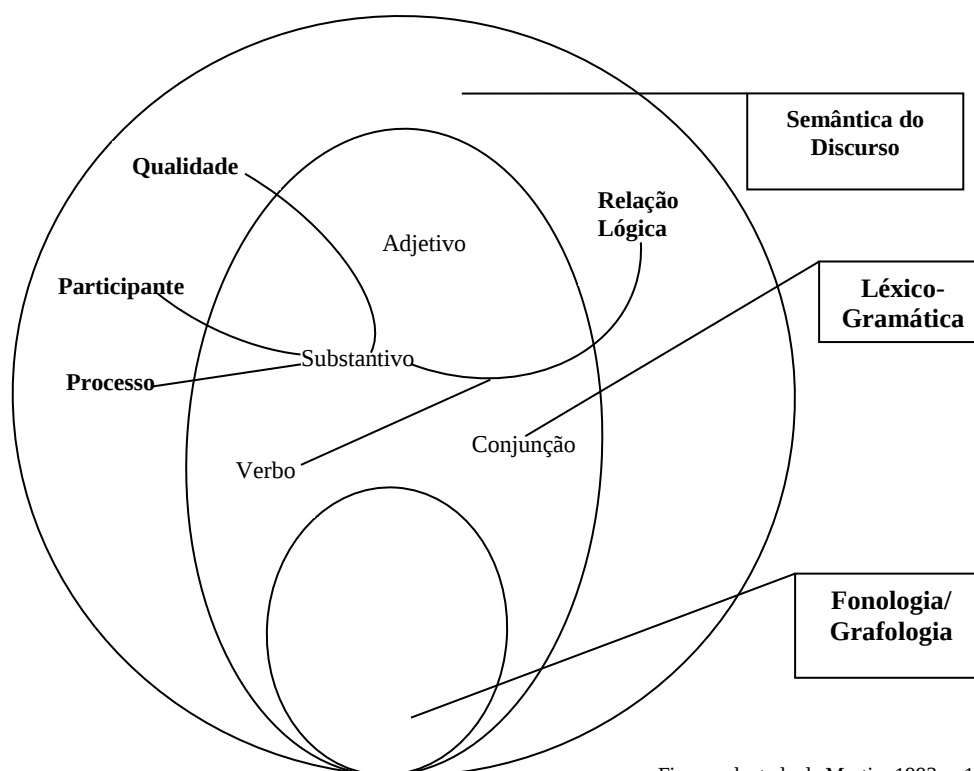


Figura adaptada de Martin, 1993, p.152.

Nesta figura, tem-se esquematicamente a representação da relação entre a léxico-gramática e a semântica do discurso na realização de uma linguagem mais metafórica, que difere consideravelmente da realização de uma linguagem mais

congruente. Nessa realização, processos, participantes e qualidades passam a desempenhar funções discursivas distintas, usualmente realizadas por outras classes gramaticais: um verbo, um substantivo e um adjetivo respectivamente.

É possível perceber tais realizações ao se comparar a forma mais congruente (a) *O prefeito abandonou a cidade e todos os moradores sofreram com isso* com sua realização mais metafórica (b) *O abandono da cidade pelo prefeito foi penoso para todos os moradores*. Enquanto em (a) tem-se a função de Ator (o prefeito) sendo realizada por um nome, o processo (abandonou) sendo realizado por um verbo e a função de Meta (a cidade) sendo realizado por outro nome, em (b) essas funções são realizadas por outras classes gramaticais, já que o processo passa a ser realizado por um substantivo (o abandono), o que era Meta passa a ser um modificador (uma qualidade) do processo verbal nominalizado (da cidade) e o que era Ator passa a exercer a função de Agente (pelo prefeito). Tais mudanças culminam não apenas na já referida tensão entre a léxico-gramática e a semântica do discurso, como também em um hibridismo semântico, como será discutido abaixo, em 2.3.2.

Contudo, a identificação e a análise das nominalizações na escrita são um processo um tanto complexo uma vez que nem sempre é possível determinar com precisão a direcionalidade da relação semântica existente entre o processo verbal e a sua forma nominalizada, conforme será discutido a seguir.

2.3.2

As Nominalizações na Metáfora Gramatical

De acordo com Halliday, a transformação de uma forma mais congruente em uma forma mais metafórica indica também uma mudança de significado, já que a experiência humana, nesses casos, também é expressa de formas distintas. Tomemos o caso de *educar* x *educação*, em que *educar* seria a forma mais congruente e *educação* a mais metafórica. Embora a forma nominalizada *educação* seja derivante de *educar*, ela possui um significado distinto desta, por possuir características tanto de uma ação quanto de um produto dessa mesma ação. Além disso, ainda é possível verificar que tal transformação indica que há duas possibilidades de expressar essa experiência humana, uma de forma mais congruente, em que as ideias são expressas com maior concretude, e outra, de

forma mais metafórica, em que as experiências humanas são concebidas e, por isso, expressas de forma mais abstrata. Essa junção de significados culmina em um *hibridismo semântico*, que resulta em uma tensão entre o léxico e a gramática (Halliday, 2009, p.118).

Outra questão que se instaura quanto às metáforas gramaticais ideacionais diz respeito à distinção entre metáforas sistêmicas e metáforas instanciais (Halliday, 2009, p. 127). Uma **metáfora instancial** seria aquela em que a realização metafórica é realizada discursivamente, isto é, em função de objetivos e necessidades discursivas específicas em um dado contexto, podendo ser facilmente desempacotada (*unpacked*), ou resgatada. Esse seria o caso de *transformação* em ‘A transformação da cidade é necessária’, já que o uso da forma nominalizada em lugar do processo verbal *transformar* pode ser entendido em função de objetivos discursivos específicos, isto é, tanto com a finalidade de transformar esse verbo em Tema da oração, dando mais ênfase a esse item lexical na organização textual, quanto pela necessidade de construir um discurso mais técnico e abstrato, que configura uma característica específica da metáfora gramatical ideacional. Além disso, percebe-se que a recuperação do processo verbal *transformar* é quase instantâneo em *transformação*, o que legitima a classificação de tal palavra como uma metáfora instancial.

Contudo, há casos em que o desempacotamento dessa metáfora não parece ser tão evidente, como no caso da palavra *relação* no fragmento abaixo, o qual foi retirado de um dos textos do corpus selecionado para este estudo:

Exemplo (1): Texto 1_3 – Instituição Estadual

O Rio de Janeiro vem enfrentando profundos problemas em **relação** à criminalidade.

No exemplo acima, o desempacotamento da forma nominalizada *relação* não é tão imediato. Contudo, a partir da realização da sentença em uma expressão mais congruente, torna-se possível a seguinte reescrita:

Exemplo (2) :Texto 1_3 – Instituição Estadual

O Rio de Janeiro vem enfrentando profundos problemas que **se relacionam** à criminalidade.

Neste exemplo, embora tanto a partir do critério semântico como do morfológico seja possível identificar *relação* como uma provável forma nominalizada do processo verbal *relacionar*, do ponto de vista pragmático, tal relação não é tão instantânea, o que faz com que o desempacotamento da metáfora *relação* não seja tão imediato, como o que ocorre com a palavra *transformação*. Nesse caso, a possível razão pela qual essa palavra não seja imediatamente reconhecida como uma nominalização deverbal, isto é, proveniente de processos verbais, deve-se ao fato de a expressão configurar uma locução prepositiva já sistematizada na língua: ‘em relação a’. Casos como o da palavra *relação* dizem respeito ao que Halliday chama de **metáfora sistêmica** (Halliday, 2009, p.127), que pode ser concebida como originária de uma metáfora instancial que foi cristalizada no sistema linguístico devido à sua alta incidência de uso.

Assim, por passar a ser parte do sistema linguístico e não depender mais da instanciação do sistema em um uso discursivo específico, as metáforas sistêmicas também são denominadas por Halliday como “*metáforas mortas*”. Nesse sentido, a palavra *relação* pode ser considerada como uma metáfora ‘morta’, já que, devido a sua elevada ocorrência na língua, ela já passou a ser um item lexical de escolha paradigmática dentro do sistema linguístico.

A distinção entre metáforas instanciais e metáforas sistêmicas é de extrema importância para este estudo, uma vez que no corpus analisado foram encontrados ambos os tipos, os quais, seguindo o raciocínio de Halliday, foram igualmente considerados como metáforas gramaticais ideacionais, já que, segundo o autor, todas as metáforas sistêmicas foram, em algum momento da história de uso da língua, metáforas instanciais (Halliday, 2009, p.127).